# Sem acordo, COP31 é prorrogada

## Resistência de países produtores de petróleo e impasse sobre financiamento adiam texto final da Conferência sobre Mudanças Climáticas. Negociações devem avançar neste sábado

» PALOMA OLIVETO

A falta de consenso sobre o abandono dos combustíveis fósseis e a ausência de garantias financeiras para os países mais vulneráveis ao aquecimento global levaram a COP31, em Antália, na Turquia, a ultrapassar o prazo oficial de encerramento, ontem. Com quase 200 delegações divididas sobre os principais compromissos climáticos, a conferência sobre mudanças climáticas foi prorrogada e pode avançar, hoje, sem perspectiva de acordo sobre questões centrais para conter o aquecimento global.

O evento tinha encerramento oficial previsto para as 18h (12h em Brasília), mas as divergências impediram a conclusão das negociações. "Nesse momento, ninguém está feliz", afirmou à imprensa Aloisio Lopes Pereira de Melo, secretário de Mudança do Clima do Ministério do Meio Ambiente do Brasil.

Um dos principais focos de tensão é a inclusão, no documento final, de um compromisso explícito com o abandono do petróleo, do gás e do carvão, responsáveis pela maior parte das emissões que provocam o aquecimento global. Um grupo de 12 países, liderado por França e Panamá, apresentou uma proposta que defende uma "transição clara" para longe dessas fontes de energia.

O Brasil é um dos maiores defensores de planos nacionais para a transição energética e, no início da COP, há duas semanas, apresentou um mapa do abandono dos combustíveis fósseis. Dinamarca, Portugal e Espanha apresentaram seus próprios planos nos últimos dias.

A iniciativa, porém, enfrenta resistência de países árabes e da Rússia. A referência à transição para fora dos combustíveis fósseis chegou a aparecer na primeira versão do texto negociador, mas foi retirada da segunda, divulgada na quinta-feira.

### Eletrificação

A Turquia e a Austrália, que presidem conjuntamente a conferência, defendem outra abordagem: ampliar a eletrificação da economia, criando condições para aumentar o uso de energias renováveis e reduzir as emissões. A proposta, entretanto, divide as delegações. Alguns países querem que o documento estabeleça expressamente que a eletrificação seja abastecida por fontes limpas, evitando que a expansão do consumo de eletricidade resulte em maior utilização de carvão, petróleo e gás. "A eletrificação é a chave", afirmou o ministro australiano das Mudanças Climáticas, Chris Bowen. A Turquia propõe elevar a participação da eletricidade no consumo global de energia dos atuais 23% para 35% até 2035.

O ministro do Meio Ambiente do Panamá, Juan Carlos Navarro, adotou uma posição mais incisiva. "Vetaremos ou apresentaremos objeções a qualquer proposta que não enfrente essas questões", declarou. O país integra o grupo de 12 nações que defendem uma transição mais explícita, ao lado de França, Espanha, Guatemala, Costa do Marfim e Vanuatu. Os signatários também reivindicam maior contribuição financeira dos países produtores de petróleo, em razão de sua responsabilidade pelas emissões.

### Limite

Outro ponto de divergência é a redação sobre a meta de limitar o aquecimento global a 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais, estabelecida pelo Acordo de Paris, em 2015. O rascunho da decisão política, divulgado na quinta-feira, reafirma o compromisso, mas pede esforços para limitar "tanto a magnitude quanto a duração" da ultrapassagem temporária desse patamar.

A Organização das Nações Unidas considera praticamente certo que o planeta ultrapassará o limite nos próximos cinco anos. As monarquias petrolíferas do Golfo, porém, resistem a referências mais fortes sobre o problema. Em contrapartida, o texto passou a incluir uma menção favorável à captura de carbono da atmosfera, tecnologia ainda cara e pouco desenvolvida. A inclusão desagradou a representantes europeus e de países latino-americanos. "Não consideramos aceitável a forma como esse ponto está redigido", declarou Elena Pita, diretora do Escritório Espanhol de Mudanças Climáticas.

### Financiamento

O financiamento climático também ameaça bloquear um acordo. Na COP realizada no Brasil, no ano passado, os países assumiram o compromisso de triplicar os recursos destinados à adaptação às mudanças climáticas nos países em desenvolvimento. O dinheiro é considerado essencial para medidas como melhorar a gestão dos recursos hídricos, prevenir desastres associados a eventos climáticos extremos e desenvolver cultivos mais resistentes à seca.

A primeira versão do documento negociador estabelecia uma referência financeira de US$ 120 bilhões anuais a partir de 2035, cerca de R$ 706,5 bilhões. O valor, porém, desapareceu da versão mais recente, deixando sem definição o montante que deverá sustentar o compromisso. A União Europeia, maior contribuinte mundial para o financiamento climático, sinalizou resistência a ampliar os recursos, alegando os elevados níveis de endividamento público dos países do bloco.

Para a Aliança dos Pequenos Estados Insulares (AOSIS), que reúne nações particularmente vulneráveis à elevação do nível do mar e aos eventos extremos, a decisão precisa estabelecer um valor concreto. "Triplicar os recursos financeiros para a adaptação é imperativo. A linguagem deve ser mais contundente e incluir um valor específico", defendeu o grupo, em nota. "Não viemos aqui para mendigar", criticou a ministra do Meio Ambiente de Gana, Zanetor Agyeman-Rawlings.

AFP




**"Fracasso", "vergonha", dizem cartazes dos manifestantes no Antalya Expo Center, na Turquia**

## Palavra de especialista

Wikimedia commons/Divulgação



### *Sofrimento desproporcional*

*Não é de surpreender — embora isso não torne a situação menos grave — que essa COP 31, que pretendia ser uma 'COP da implementação', esteja falhando em abordar a questão crítica e urgente do financiamento para os países do Sul Global. Essas nações sofrem de forma desproporcional com os impactos das mudanças climáticas, apesar de terem contribuído muito pouco para a sua causa. Os esforços atuais estão longe do necessário; na verdade, a situação é ainda pior, já que compromissos assumidos em COPs anteriores permanecem sem cumprimento, enquanto novas promessas estão sendo reduzidas. Essa conferência explora soluções por meio da mobilização de recursos não públicos, bem como de mecanismos como a reforma do sistema financeiro multilateral. Nesse aspecto, contudo, nada está claro. O mesmo se aplica à questão das emissões, em que a proposta principal é eletrificar 35% da matriz energética global até 2035. Até aí, tudo bem? O problema é que não fica claro se essa eletrificação seria baseada, primordialmente — ou exclusivamente —, em fontes de energia renováveis. Essa ambiguidade é mantida para garantir um consenso, visto que nações produtoras de petróleo também estão representadas aqui. Vale ressaltar, no entanto, que, fora das negociações oficiais, o clima em torno da COP é diferente. Governos subnacionais, diversos outros representantes, instituições acadêmicas e a sociedade civil estão avançando de forma significativa — ainda que, talvez, não com a rapidez ou a abrangência necessárias. Existe uma tendência clara em direção à eliminação gradual dos combustíveis fósseis e à transição para novos sistemas energéticos, impulsionada pelo reconhecimento de que precisamos proteger nossos ecossistemas. Isso reflete a compreensão da natureza interconectada das várias crises que enfrentamos, incluindo o desmatamento, a perda de biodiversidade e a poluição.*

**Cecilia Raquena,** *membro da Rede de Parlamentares por um Futuro Livre de Combustíveis Fósseis da Bolívia*

## » Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Grendelkhan



### SEGUNDA-FEIRA, 16

#### OLHARES DIFERENTES

O mesmo animal. Visões do mundo totalmente diferentes. Pesquisa realizada por biólogos da Universidade de Binghamton, nos Estados Unidos, avaliou como corvos urbanos e rurais reagiam a novos objetos e humanos. E constatou que esses pássaros não enxergam o mundo da mesma maneira. O estudo concluiu, por exemplo, que um corvo do campo hesita ao ver uma caixa de comida para viagem, enquanto o animal da cidade para ao ver uma espiga de milho pela primeira vez. Ambos ficam surpresos ao encontrar um estranho objeto de madeira ao lado dos amendoins esperados. "Ambos são cautelosos com o novo e, de alguma forma, muito curiosos. Às vezes, eles superam esse medo e conseguem aproveitar novas oportunidades", explicou biólogo Dave J. Colucci, autor principal do estudo publicado na revista *Behavioral Ecology*. O projeto avaliou tanto a hesitação quanto a reação dos corvos ao olhar humano em 10 famílias de aves urbanas na área de Ithaca, Nova York, e em outras 10 na zona rural próxima de Dryden. Ambas foram alimentadas com sua comida preferida: amendoim com casca.

### TERÇA-FEIRA, 17

#### NOVA RÃ VOADORA

Equipe internacional de pesquisadores identificou uma nova espécie de rã voadora asiática nas florestas tropicais de montanha da Indonésia. Os anfíbios recém-encontrados têm características físicas distintas, vocalizações próprias e hábitos incomuns, segundo os especialistas, que descreveram a descoberta em um artigo publicado na revista *Zootaxa*. A expedição às florestas da ilha de Mekongga, em Sulawesi, foi liderada por cientistas do Museu Zoológico Bogoriense, na Indonésia, e da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. A mais de 1.860 metros acima do nível do mar, a equipe encontrou milhares de rãs perto de um pequeno lago sazonal de montanha conhecido como Danau Coca-Cola. A rã verde brilhante cabe na bochecha de uma pessoa. "Não é comum ver rãs em grandes concentrações assim. Isso foi algo muito especial", observou o pesquisador Alan Hitch, coautor do estudo.

### QUARTA-FEIRA, 18

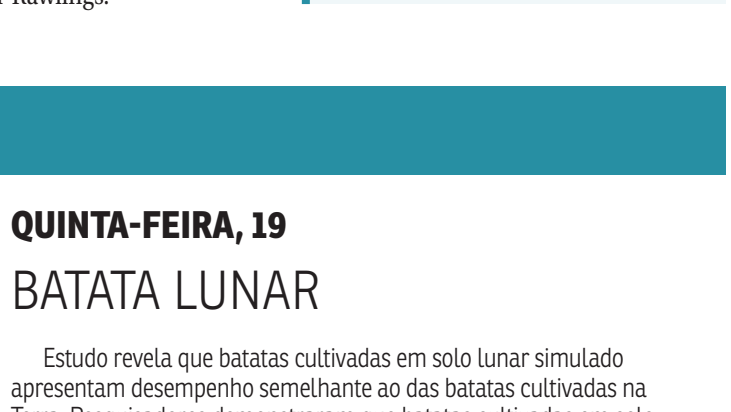
#### DESVENDANDO TERREMOTOS

Pesquisadores da Universidade de Michigan (UM), nos Estados Unidos, desenvolveram uma forma mais apurada para compreender a ocorrência dos terremotos e suas magnitudes. Atualmente, os modelos de previsão consideram basicamente o deslizamento que ocorre ao longo de uma falha principal. No novo estudo, os cientistas da UM construíram um modelo que considera não apenas essa ação, mas também a atividade das rochas adjacentes à falha, que são danificadas durante os terremotos. Dessa forma, é possível explicar a atividade sísmica, inclusive por que pequenos terremotos ocorrem com muito mais frequência do que terremotos maiores. "Se pudermos entender melhor os pequenos terremotos, poderemos compreender a ligação entre tremores de diferentes magnitudes. Isso tem implicações para o mecanismo dos grandes terremotos", disse Peng Zhai , que construiu o modelo durante seu doutorado na UM. "Para entender e prever melhor os terremotos, precisamos compreender completamente as condições de tensão na falha e os danos fora da falha", acrescentou.

### QUINTA-FEIRA, 19

#### BATATA LUNAR

Estudo revela que batatas cultivadas em solo lunar simulado apresentam desempenho semelhante ao das batatas cultivadas na Terra. Pesquisadores demonstraram que batatas cultivadas em solo lunar simulado, enriquecido com matéria orgânica, são seguras para consumo e podem atingir crescimento e rendimentos comparáveis aos produzidos na Terra. "Descobrimos que as batatas podem completar todo o seu ciclo de vida em solo lunar simulado quando suplementadas com matéria orgânica", disse Aymeric Goyer, do Departamento de Botânica e Fitopatologia da Universidade Estadual do Oregon. "Esse é um passo importante para o desenvolvimento de sistemas confiáveis de produção de alimentos que possam sustentar a exploração humana da Lua a longo prazo."As descobertas apoiam o objetivo da NASA de estabelecer uma presença humana sustentável na Lua por meio de seu programa Artemis. Alcançar esse objetivo exigirá a produção de alimentos na Lua, em vez de depender de missões de reabastecimento caras vindas da Terra. Uma das questões principais é se é possível cultivar plantas no regolito lunar, a camada de rocha solta e poeira que cobre a maior parte da superfície da Lua e contém níveis muito baixos de matéria orgânica.



Sean Nealon, Universidade Estadual do Oregon